

Destques

Eleições intercalares custam 27 milhões de meticais ao Estado



João Leopoldo, Presidente da Comissão Nacional de Eleições

Raimundo Moiane

As eleições autárquicas intercalares do próximo dia 7 de Dezembro, a terem lugar nos municípios de Quelimane, Pemba e Cuamba, respectivamente nas províncias da Zambézia, Cabo Delgado e Niassa, resultantes da renúncia a que os respectivos presidentes foram forçados pelo partido Frelimo, vão custar ao Estado moçambicano 27 milhões de meticais, segundo as contas da Comissão Nacional de Eleições, CNE, e do Secretariado Técnico de Administração Eleitoral, STAE.

O valor, segundo Mário Ernesto, director nacional de Organização e Operações Eleitorais no STAE, destina-se a formação dos membros das mesas de votos, recenseamento eleitoral e actualização dos dados eleitorais nos três municípios bem como para aquisição dos materiais de educação cívica, cabines, urnas e outros equipamentos essenciais para a realização do escrutínio.

Neste momento, de acordo com Mário Ernesto, estão em curso nos três municípios, trabalhos de identificação dos antigos 'brigadistas' de forma

a facilitar o processo de actualização de dados eleitorais.

Pretende-se ainda com este trabalho minimizar os custos do processo eleitoral pela formação dos 'brigadistas'.

O STAE está ainda neste momento a fazer a identificação das pessoas que possuem formação nos computadores portáteis denominados Mobail-D que foram usados em 2008 nas eleições gerais para o processo de registo electrónico dos eleitores.

Segundo Mário Ernesto, o processo de preparação está neste momento a decorrer muito bem e sem nenhum sobressalto.

Refira-se que a CNE marcou para 22 de Novembro próximo o início da campanha eleitoral e o seu fim está marcado para 04 de Dezembro.

Na semana passada, o presidente da CNE, João Leopoldo da Costa, lançou um apelo aos partidos políticos, municípios de Quelimane, Pemba e Cuamba, bem como ao povo moçambicano em geral, no sentido de se envolverem activamente em todos os processos das eleições do próximo dia 07 de Dezembro, desde a sua preparação até a data da sua realização. (Canal de Moçambique)

A propósito de ser citado a dizer que Guebuza é "mafioso" e "corrupto"

Leonardo Simão diz que Chapman o pôs a dizer coisas "descabidas, maliciosas e tendenciosas"

Depois de ter anunciado à imprensa que não queria pronunciar-se sobre os conteúdos dos telegramas da embaixada americana em Maputo, caçados pelo Wikileaks, em que Leonardo Simão aparece a duvidar da competência de Armando Guebuza, presidente do partido Frelimo e agora no seu segundo e último mandato constitucional como presidente da República, o ex-ministro dos Negócios Estrangeiros e Cooperação de Joaquim Chissano veio no semanário "Domingo" e no "Notícias", em forma de publicidade - "Comunicado de Imprensa" - alegar que lhe atribuíram "afirmações atentatórias à dignidade e moral de dirigentes e instituições moçambicanas".

Num telegrama revelado pelo Wikileaks há dias, Leonardo Simão é citado pelo então (2009) número um da missão diplomática dos Estados Unidos da América em Maputo, Todd Chapman, a afirmar que Guebuza usa métodos mafiosos e práticas corruptas.

Num telegrama "Confidencial", expedido para o Departamento de Estado em Washington a 28 de Maio de 2009, o então Encarregado de Negócios americano em Maputo, Todd Chapman, cita Leonardo Simão, que foi ministro dos Negócios Estrangeiros e Cooperação durante a presidência de Joaquim Chissano, a dizer ser sua "convicção que o presidente Guebuza está directamente envolvido em actividades corruptas e dirige o partido como a máfia".

Em coluna publicitária na página 32 do semanário "Domingo" e no "Notícias" da última segunda-feira, Leonardo Simão aparece a escrever textualmente o seguinte:

"Alguns órgãos de informações moçambicana têm vindo a publicar notícias/artigos, aparentemente obtidos da Wikileaks, nos quais me são atribuídas afirmações atentatórias à dignidade e moral de dirigentes e instituições moçambicanas."

"Ao longo dos anos que ser-



Leonardo Simão desmente Chapman

vi o Governo, a minha conduta com os parceiros internacionais foi sempre guiada pela necessidade de promoção de boas relações entre Moçambique e esses parceiros. Como cidadão nacional de pleno direito e com responsabilidades na sociedade moçambicana, continuo hoje a ser guiado pelos mesmos princípios, e objectivos, razão pela qual considero descabidas, maliciosas e tendenciosas tais afirmações", prossegue Leonardo Simão.

O ex-ministro dos Negócios Estrangeiros e Cooperação e actual director da Fundação Joaquim Chissano acrescenta no mesmo anúncio publicitário que "por este meio, venho repudiar as referidas afirmações que além de caluniosas, pretendem criar conflitos de denegrir a minha imagem."

"Por isso, que fique bem claro que em nenhum momento pronunciei tais afirmações, sendo as mesmas, da responsabilidade de quem com as mesmas, pretende atingir objectivos obscuros à custa do meu nome".

O autor do comunicado assina: "Maputo, 09 de Setembro de 2011, Dr. Leonardo Santos Simão (antigo Ministro dos Negócios Estrangeiros e Cooperação)".

Na mesma edição, o semanário "Domingo", de 11 de Setembro, afirma na sua rubrica 'Bula Bula' que "o Wikileaks continua a quebrar a loiça em casa nossa".

Escreve que "o Wikileaks continua a fazer das suas publicações relatos que deveriam ficar-se pelos arcanjos da diplomacia". Admite desse modo que Leonardo Simão terá de facto em algum momento dito o que consta do telegrama que Todd Chapman escreveu para o Departamento de Estado, CIA e DIA.

Lembra ainda o "Domingo" que o empresário Ahmad Camal também é citado a dizer certas coisas no mesmo telegrama de Chapman em que Leonardo Simão é referido.

Nesse telegrama Camal é mencionado como tendo dito que há "necessidade urgente de reformas" no seio do partido Frelimo e que "altos dirigentes da Frelimo - incluindo ministros no desempenho de funções - possuem fortes laços com os narcotraficantes e indivíduos envolvidos na lavagem de dinheiro". Camal falando ao Canal de Moçambique, a propósito dos telegramas de Chapman caçados pelo Wikileaks e libertados há dias, disse que não se lembra de ter dito o que Chapman lhe atribui no telegrama, mas confirmou que efectivamente acredita que em Moçambique não há vontade política para combater o narcotráfico como é citado a dizer no telegrama de Todd Chapman. (Redacção/ Canal de Moçambique)